

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 25 do 4.º Ano—N.º 175

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 26 de Março de 1914

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

UM MAU ARTIGO

Vamos a dizer: *Um artigo scelerado!* Mas a pena recuou por força da reflexão, que houve por bem aconselhar-nos a reprimir um impulso que, quem sabe, podia ser tomado à conta de menos serenidade e de imprudente manifestação do nosso sentir.

Contentemo-nos, pois, com a desaceitada mas em todo o caso prudente epigrafe com que encabeçamos a nossa modesta prosa — e vamos ao artigo, àquele mau artigo que o último número do semanário monárquico de Guimarães inseria, orgulhoso, em fundo, depois de bordarmos umas considerações que julgamos indispensáveis.

Que a nossa terra tinha desde há muito manifestas propensões para viver durante longo tempo imersa numa densa treva, pesada e quasi impenetrável, que necessariamente havia de derivar de maus costumes que lhe propinára, a mãos largas, a odienta política da defunta monarquia, era caso para nós mais que sabido e já inscrito, com todos os sinais de coisa indiscutível, na nossa carteira de íntimos apontamentos. A terra de Guimarães, esta terra de nobres tradições, como alguém, que delas e para elas vive, sempre que escreve ou fala põe em destaque num tomlouvaminheiro que nada traduz de novo, era, portanto, quanto a nós, imutável sob o ponto de vista político, social e religioso.

Porém, implantada que foi a República, e ainda durante muito tempo da vigência desta, nós tivemos razões para crer que o fado da velha Guimarães, sempre, apesar de tudo, de nobres tradições... viria a modificar o seu anacrónico plano de conduta, acorrendo, não diremos em massa, mas em grande parte, a abraçar o novo credo para que, enfim, dentro do nascente regimen, todos lutássemos porque as antigas coisas se modificassem.

Repetimos: tivemos razões para crer que uma nova fase se abriria aos nossos olhos de vimaraneses amantes do progresso e da civilização.

E querem saber porquê? Por esta circunstância bem simples mas assás eloquente: ninguém viria, nos tempos borrascosos que se seguiram à implantação da República, uma só criatura monárquica desta terra que desassombradamente saísse à estacada para defender o seu ideal, como eles agora dizem com uma graça tal que é da gente desapertar... o fato e rir a bandeiras despregadas.

Que alguém conspirava de noite, a horas mortas, talqualmente os bandidos que em outros tempos só em ocasiões tais exerciam a sua indústria, isso chegou a averiguar-se e a ser constatado por forma irrefutável. Era a formiga branca da reacção, a canilha de pé calçado, infestando os

lugarejos, que, como tocas de salafários, serviam para o bom desempenho da sua facinorosa missão: a missão de se esforçarem por destruir um regimen cujo advento a monarquia largamente justificára.

Mudaram os tempos, voltou a paz. E então, essa gente que ninguém virá no momento agudo do perigo, os fortes lutadores que andaram por longo tempo com o seu ideal atrancado na garganta, surgiram ovantes na imprensa, para insultarem à tort ou à razão todos aqueles que não comunguem a sua coisa...

Guimarães, pois, retomou em parte o seu antigo posto. Mas só em parte; nem nós vemos no campo adverso quem seja capaz de arrastar consigo toda a população duma terra que precisa progredir e civilizar-se. Essa parte, e bem pequena, é constituída por aquelas criaturas que sonharam que a República queria roubar-lhes as crenças religiosas que professam.

Esta mentira foi-lhes insuflada pelos alviçareiros que armaram em propugnadores dum velho ideal, um ideal que, depois de ter percorrido as ruas da amargura, se extinguiu para sempre na manhã de 5 de Outubro de 1910.

Feitas estas considerações, seja-nos lícito enfrentar o artigo que lhes deu azo.

Intitula-se «A República e os seus defensores».

Nada menos. O autor não se contentou com uma das duas coisas. Assestou a sua artilharia de montanha sobre tudo o que lhe cheirasse a republicanismo. Assim é que é.

E zás: despeja o balde que continha toda a bilis que andára a armazenar desde a implantação da República até ao presente.

Não se lembrou o endiabrado monárquico de que podia sujar alguém que por aí ande de mãos limpas e cara lavada e que não pertença à sua igreja. Para quê? As cerimónias estão proibidas pela moderna aristocracia, embora ela às vezes descenda de qualquer pobre diabo de sangue verde...

Em conclusão: o autor do artigo fêz como certas criadas de servir que, inopinadamente, surgem a uma sacada, de balde em punho, cheio de agua limosa, e o despejam sobre qualquer transeunte sem se darem ao cuidado de reparar se a sua vitima leva ou não a camisa lavada.

E' assim certa gente fina, de educação esmerada, etc., etc.—

A tirada de prosa, a que nos referimos, mal merece uma séria análise; uma reprimenda é que ela pede a altos brados, para que qualquer rabiscador de artigos de jornal não vá supôr que tem o direito de insultar toda a gente que não simpatise com as suas ideias, embora elas sejam, como as dos

monárquicos portugueses, verdadeiras ideias fim de século...

Distinga, presado autor, distinga. Toda a gente que tem boa vista, assim faz: o seu artigo é um punhado de insultos jogados à toa e desacompanhado dum serêno juizo crítico sobre a época em que alguns dos erros, que cita, foram cometidos.

Bem sabêmos que para que possa fazer-se um juizo crítico dessa natureza, é necessário ser-se sereno, não faccioso, e pôr-se de lado as conveniências que determinadas relações pessoais facultam; e, enfim, saber-se um pouco de história, ainda que não seja senão... da cascara.

As suas navalhadas, assim, serão vibradas no vácuo, perdidas portanto para aquêles que saibam avaliar um pouco do que se diz nos jornais.

Reforme o seu artigo, que ainda está em tempo. Estude, leia, prepare-se para a luta e apareça. Não esgrima à trouxe-mouche e aprenda a dizer que à custa do trabalho honrado da canalha de pé descalço, anda aí uma outra canalha de pé calçado.

Não diga nunca que quem tiver dignidade se deve envergonhar de ser português. Lamartine, o sempre grande e mavioso Lamartine, que por sinal era bem suspeito, dizia, ao falar da revolução francesa: *côra-se de pejo de ser homem ao considerar aquête povo.* Mas o que êle nunca disse foi que quem tivesse dignidade devia envergonhar-se de ser francês.

E no entanto haverá alguém que possa estabelecer confronto entre a revolução francesa e a nossa?

Y.

DESCAMISADA

Indústria criminosa

Há modos honestos de «ganhar a vida», como há processos pouco louváveis de «governar o barco». *«Aquele de surgir um fotógrafo, no Cano, a tirar todos os fragmentos da imagem para fora do oratório, onde já haviam sido guardados por quem de direito, para depois os focar como em flagrante delicto, francamente: só em Guimarães se observa disto, sem um prémio da autoridade!»*

«E ainda há quem impensadamente o ajude, dando-lhe vitrine para o reclame!»

Todas estas coisas revelam muito discernimento da parte de quem as pratica.

Vidas! vidas!

O correspondente desta cidade para o Janeiro, tendo gasto toda a sua indignação a verberar o cometimento econoclasta, por pouco se esquecia de noticiar o cometimento arboricida, não obstante êste ter sido a origem do outro. Desta vez, João de Deus deu cópia ao «Comércio» e mais ao «Echos»...

Alguma vez havia de ser original.

Juizo!

«Profundamente indignados», assinam os católicos um protesto por causa da imagem mutilada.

O abaixo assinado, podiam e deviam dispensá-lo. Era melhor. A ter de vir, porém, não devia separar-se o atentado das árvores do atentado da imagem, pois estamos certos que um protesto assim concebido, embora tivesse menos assinaturas, era todavia, de mais significação social... e mais honroso para as «tradições pacíficas, ordeiras e religiosas» da terra.

Doutra forma, tornar-se há o protesto—irrisório.

De porta em porta

E' mania? Parece. Só no período de duas semanas fizeram correr por aí três espécies de abaixo assinados: um para uma mensagem a um jornalista monárquico; outro para uma representação contra a Lei da Separação; agora êste como protesto ao atentado contra o Senhor do Amparo!

«O' senhores: melhor é receberem procuração dos sinatários... e arranjamem o trabalhinho em casa! Por êste caminho, qualquer dia entra em voga a sis: — «Não há nada prá'sinar?»

Baboseira

O povo simplista—mas conceituoso quasi sempre—querendo significar a torpeza da mentira escrita, usa dizer que o papel acolta o quo se lho põe.

Diz bem o povo. Assim se explica que apareça quem escreva a dizer que quem cortou as árvores da Arenida foram os mesmos que mutilaram a imagem do oratório. A dedução podia não ser atrevida, se a sanha dos maus católicos não se tivesse revelado tanto contra a Festa da Arvore. Assim... é velhacaria solerte e tola de mais para ser tomada a sério.

E segue...

Um dia, que já vai há mais de ano, escreveu-se que ao governo da República haviam sido feitas grandes reclamações por parte de 3 governos estrangeiros, devidas ao caso dos bens congreganistas.

Outro dia, que vai ainda há uma semana, voltou-se a asseverar que, desta vez, era certo sairem dos cofres públicos a tal soma de indemnizações.

Dizia, por sua vez, o «Janeiro» de terça-feira: «Foram apresentadas as demandas e documentos referentes às reclamações, junto do tribunal da Haia. O governo português tem agora 8 meses para responder aos três delegados que, por sua vez, formularão as réplicas.»

Quer dizer: um ano, dois anos mais, que os adversários terão de inventar todos os dias—que «o governo vai pagar», que «o governo pagou», etc., etc., etc.!

Ainda bem!

Na sua tribuna laica, Romeiro fala dos actos vandálicos da Arenida e Cano, e ainda bem que fala com acerto.

Não se dirá que seja o seu pior sermão—tanto mais que a chave é de efeito quaresmal.

Deus o quer? miseráveis!

Chega ao nosso conhecimento que também nas freguesias de S. Romão e S. M. de Sande as árvores plantadas pelas crianças das escolas oficiais foram arrancadas.

Veremos se desta vez há fotografias e abaixo assinados, cartazes e artigos de fundo, lágrimas e indignações, Senhores do Amparo e telegramas para a «Nação»... Talvez, hein?

Sociedade Protectora dos Animais

Reuniu a direcção desta Sociedade resolvendo o seguinte:

—Nomear um guarda privativo da Sociedade, de harmonia com o art. 18.º, alinea 7.ª dos Estatutos, depois de se obter a respectiva licença para êste coadjuvar e auxiliar os agentes da autoridade, vigiando pelo cumprimento de todas as disposições legais que sejam benéficas aos animais.

Foi nomeado Emilio Castelat Guimarães.

—Oficiar à Câmara, agradecendo-lhe a construção do bebedouro público, pedido por esta Sociedade, dirigindo ao mesmo tempo, um pedido sobre as disposições do canil municipal.

—Agradecer ao sr. Capitão Luis de Pina o desenho dumas letras feitas nas placas de mármore e que serão colocadas em alguns pontos da cidade, Vizela e Taipas.

—Convocar a assemblea geral para a apresentação duma proposta, nomeando sócio honorário o ilustre deputado que mais se interessou pela aprovação dum projecto, o qual isenta de franquias as Sociedades Protectoras dos Animais, sendo estas consideradas, de utilidade pública.

—Procurar conseguir que os donos dos talhos, defendendo embora, as carnes expostas, sejam todavia, mais humanos no modo de enxotar os cães, lembrando a êsses senhores a conveniência de cobrirem, com rede de arame, as gamelas onde costumam guardar os miudos das rezes abatidas.

—Agradecer à Sociedade congénere de Lisboa as suas comunicações.

—Tomada em consideração uma queixa formulada em officio dirigido à Sociedade pelo sr. António Manuel Lourenço, das Taipas, officio que acusa Alfredo da Silva, zelador municipal, de provocar a morte de uns gatos, por esterquinina e a tiro.

O presidente comunica que respondeu ao participante para êste indicar testemunhas.

Estas deliberações foram tomadas por unanimidade, estando presentes A. L. de Carvalho, Henrique Gomes, Simão Costa e A. Sousa Guise.

Uma história verdadeira

“ELES AÍ VEEM! . . .”

Era duma vez... um compadre, que era compadre doutro compadre. Perdão! Não vai bem. Eram duma vez dois compadres, que por sinal eram muito amigos. Ora, um dia, estavam êles conversando muito animadamente à porta dos seus quintalejos — umas «leirepas», como êles diziam, mas às quais queriam muito, pois além de ter sido aquilo herança dos seus ascendentes, bastante amor os prendia àqueles dois pedaços de terra que, por igual, cada um havia arroteado canceirosamente.

¿O que diziam êles, os dois compadres?

¿Que havia êle de ser, se a coisa se passou pela época das invasões francesas! Os dois compadres falavam, estarecidos, dos incêndios, dos roubos, da devastação, dos morticínios causados pelos soldados de Junot, ao mesmo tempo que comentavam, indignados e cheios de patriotismo, a cobardíssima fuga de D. João VI para o Brazil, à hora do invasor aportar a S. Julião da Barra, em Lisboa.

E, batendo com o pé no solo, que era terra de sementeira e horta, um dêles bradou num arranco de alma:

—«¿Pois olhe, compadre: cá de mim, daqui é que «num» arreio pé! ¿Hei-de defender esta terrinha, que me custou muito, «inda» que tenha de dar cabo dêsses mafarricos todos!»

—«¿Digo o mesmo, sr. compadre!» — objectou o outro, por sua vez, passando a mão calosa pelo lombo do cabo da sua enxada.

—«¿Eles que venham p'ra cá!»

—«Sim, êles que venham!» Nisto... oh! céus! ouve-se, a distância, um *rataplam*, denunciador e presago. Os dois compadres, como se adivinha, olharam-se aturdidos, aguçaram o ouvido, arregalaram os olhos desmesuradamente na direcção de onde vinham aqueles rufos de caixa forte, até que, compenetrados, certos, seguros de que era o inimigo invasor que se aproximava, exclamaram quasi ao mesmo tempo:

—Eles aí veem!!!

. . . E foram, sem saber um do outro, esconder-se no palheiro, que estava próximo.

Horas passaram, intermináveis e longas, a noite veio suceder-se ao dia, a falta de ar veio antepôr-se ao medo. Mas qual? Se um se mexia dentre as palhas, logo o outro se encolhia, apavorado, supondo-se quasi prêsas do inimigo, pois, como dissemos, ignoravam-se ambos no mesmo esconderijo.

Tal situação, porém, era horrível. A fome e a sede, por fim, os havia de render; melhor seria antes entregarem-se-lhes.

Nesta conformidade, am-

bos simultaneamente foram lançando a cabeça de fora, chocaram seus olhares de espanto um no outro, e esta exclamação, mixto de vergonha e de alegria, saiu por igual das duas bocas:

—«Eras tu, compadre?!»

—«Eras tu, compadre?!»

Sim, em verdade, eram êles. Quanto às tropas invasoras... não passava dum bando de garroilos que, alegres e despreocupados, passavam pelos caminhos da aldeia rufando numa lata velha, imitando assim um regimento de milícias com o seu garboso tambor mor à frente. . .

Vem isto a propósito... da eleição última na Sociedade M. Sarmiento e mais dum comentário que desta forma foi impresso: «**Aqui é que não lhes será facil entrar!**»

Tal e qual os dois compadres, assim os da *panella* da Sociedade teem mêdo... *dêles próprios!* E, coisa curiosa: ¿já não é a primeira vez que essa gente se dá batalha, só para ter a ilusão de que é forte, de que é muita, de que ninguém pode com a sua bravura!

¿Triste comédia que a *panelinha* representa! Deu-lhe agora, —visto que outra coisa não faz — em parodiar D. Quixote, digladiando contra as paredes, como o «cavaleiro da triste figura» arremetendo contra os moinhos de vento.

Deixem-se disso, *compadres!* Nós todos bem compreendemos que a Sociedade lhes foi legada, por herança. Depois — que diabo! — nós fazemo-lhes justiça, acreditando-os quando nos dizem *que estão honrando uma administração*, (sic) que estão servindo o passado glorioso da querida instituição vimezanense.

¿Quem, pois, havia de pensar em invadir a *terra de sementeira e horta* de tão respeitáveis e amigos... *compadres!*

Andem lá à vontade! Se alguns rumores de caixa forte lhes chegar aos ouvidos, reparem que isso não passa de rapaziada traquina e desinquieta, batendo rijo em lata velha.

Acreditem nisto que lhes revelamos, aqui muito à puridade: os *compadres* são já criaturas consagradas para que alguém, a sério, ouse arrancá-los do Olimpo onde subiram por títulos e glórias que não facilmente se ofuscaram. Que dizemos! Jámais alguém, sequer de leve, sonhará em empurrá-los da pianha doirada, onde o mérito da sua acção tanto «resplenduz e brilha» — como diz o poeta.

Escusavam, porisso, de tremmer, de ter mêdo, de se armarem com lança e arnez... para umas eleições que a nin-

guém passou em mente arrebatá-lhe.

Seria uma loucura! Seria... uma heresia! Oh! jámais! jámais!

Toda a cidade e todo o concelho, desde a vontade mais impertinente à energia mais combativa, tudo é satisfação, tudo é louvores, tudo é reconhecimento por tantos e tão meritórios serviços que... os *compadres*, os donos da Sociedade, os da *panelinha*, teem demonstrado nestes últimos anos de governança.

Escusavam, pois, de tocar o carrilhão grande, chamando a confraria a reunir. ¿Foi, não há dúvida, uma grande, uma solene parada, visto que se anunciou com estrondo e se fêz constar com ufania, pelo que acorreram ao chamamento 143 ilustres confrades!

¿Para que tanto barulho, senhores?! ¿Com muito menos apóstolos se cristianizou o mundo; com muito menos personagens se desempenhou o grande drama — os *Dragões de Chaves!*

¿Ora... os *compadres*, a fazerem-se de valentes, tendo mêdo dêles próprios!

Mas... a sério. ¿Estão dispostos a fazerem alguma coisa na Sociedade, em proveito da mesma e da terra que muito lhe quer?

Sim, é isso o que importa. De resto, o povo está farto de suportar basófilas ôcas, e já se não ilude com o aparato farfalhante de muitos doutores em coluna. O povo quer quem trabalhe, quem mostre ter valor, quem siga e seja por êle.

Em resumo: Não basta vencer uma eleição — eleição que aliás nenhum general Junot lhes disputou!

Seria coisa bem ridícula e, sobre ser ridícula, desprezível, que tanta gente se reunisse, ou se fizesse reunir, **só para mostrar força, só para revelar que estão em baluarte inexpugnável!**

Ninguém lhes perdoaria que, por casmurrice, por caprichosinhos idiotas ou beijas políticas, se procurassem aguentar na direcção duma colectividade, nada fazendo nem nada deixando fazer.

¿Sejam, embora, «os consagrados» e tudo o mais que quizerem — com a brecal! Todavia, por amor à colectividade e à própria terra, façam, os senhores da *panelinha*, por levantar *fevrura*, insuflando, se são capazes, uns átomos de vida e rejuvenescimento a essa Sociedade que vive, sim, mas alimentada apenas pelo oxigénio da sua tradição, mas fortalecida apenas pela glória prestigiosíssima que lhe impresta o nome do seu fundador!

—A não ser que julguem estarmos ainda no tempo... dos «Morgados de Miranda», no tempo do — «eles aí veem!»

Serafim Rodrigues
SOLICITADOR
Rua Dr. José Sampaio
GUIMARÃES

A campanha DO descrédito

«Quando se fizer a história do período actual da vida portuguesa, que há de fazer-se, e com o cuidado, a observação e a documentação indispensáveis ao comentário exacto dum dos ciclos da nossa nacionalidade, um facto, entre todos, culminantemente impressionará — o da tendência das classes que se dizem privilegiadas pelo nascimento e das que se dizem superiores pela riqueza para a integração do país no território e nos domínios doutro país. E o facto impressionará mais ainda olhado através da repetição sistemática em circunstâncias semelhantes, ou em crises cuja gravidade impunha a coesão disciplinada de todos os elementos de força e de acção, do que visto como característica de dissolvença dos laços afectivos que ligam o homem normal à terra em que nasceu. Porque, não sendo a aristocracia e a burguesia de hoje individualmente as mesmas que nos tempos da regina Tereza, representada nos barões de além-Minho, pelejavam pelo conde de Trava e pela supremacia aragonesa sobre os destinos incertos do condado *portucalense*; que ao Mestre de Aviz, varonil e português antepunham o castelhano estrangeiro; que se entregaram jubilosamente nos braços do conde de Alba, bajulando os Filipes, e que, formalizadas, increpavam a plebe revoltada contra a arrogância brutal de Junot vitorioso; não sendo as mesmas na substância material que as compunham, elas são a sua projecção flagrante no tempo, no espaço e no sentimento colectivo.

A propaganda que essas classes movem contra o país, na imprensa estranha, fazendo crer no desmembramento do nosso império colonial; procurando provocar conflitos de índole internacional que fôsem a origem duma imediata intervenção armada; convencendo de que as mais ásperas dificuldades perturbam a frágil estabilidade do tesouro público — tudo isso, que constitue um crime sem igual, acrecido pela declaração ostensiva de que à pátria republicana preferiam a pátria dominada, não é senão um fenómeno que, pela continuidade, avulta às proporções dum estigma de raça. E teríamos o triste dever de assim o considerar, se, dentro da raça, a contrapôr-se audaciosa e brilhantemente àquele lamentável fenómeno, nos não surgisse a corrente oposta, altiva, sadia, indomável, fazendo provaecer, até hoje, ao cálculo comodista dos primeiros, o seu apaixonado culto pela independência do território com a sua correlativa administração.

A celeuma neste momento levantada em redor das colónias portuguesas em perigo, e acerca das indemnizações a pagar ao estrangeiro, pela posse «abusiva» de bens congreganistas, indemnizações que trepariam a cifras fabulosas, são o último aspecto dessa campanha internacional — a qual assume um tão halucinado grau de rancor contra os créditos do país, que, diante dela, à nossa consciência entristecida só resta lastimar que a imprensa, obra de luz feita para difundir a luz em estrofes de amor à verdade e à justiça, se transforme num sinistro clarão de incêndio, em que a justiça e a verdade se estorcem e crepitam carbonizadas.

Souza Costa.»

Descanço das farmácias

Está aberta no próximo domingo a farmácia *Cunha Mendes*.

CONVITE

A direcção do Centro Republicano de Guimarães convida os seus associados e o público em geral, a assistir a uma palestra que, sobre a **Confissão Auricular**, o ilustre consoço **A. L. de Carvalho** realizará sexta-feira, 27 do corrente, pelas 21 horas, na sede do mesmo Centro.

A Direcção.

Conselho de Assistência Escolar

Reuniu esta comissão delegada da Câmara Municipal, resolvendo o seguinte:

—Em conformidade com a resposta enviada pela Comissão de Beneficência, de S. Lourenço de Sande, officiar à Câmara, manifestando-lhe a conveniência de esta dirigir ao ex.^{mo} Ministro da Instrução um pedido de transferência, para o Conselho de Assistência, da verba de 9 contos, em inscrições, na posse do Estado.

—Constatar um voto de louvor ao membro do Conselho, Alvaro da Silva Penafort, pelos bons serviços dispensados junto da Cantina Escolar Vimezanense, felicitando-o ao mesmo tempo pelo seu despacho de escrivão, para Clerico de Basto.

—Enviar um officio-circular a todas as escolas officiais da circunscrição, rogando aos seus professores uma nota das crianças que mais precisem de livros de leitura.

—De harmonia com o art.º 5.º, alínea e) dos Estatutos, nomiar fiscais do serviço à Cantina, A. L. de Carvalho e D. Aida Teixeira Nunes de Sousa.

—Admitir duas crianças ao benefício da Cantina, em substituição de outras que incorreram na falta prevista pelo art.º 3.º, alínea b) do Regulamento Interno.

Estavam presentes a esta reunião Augusto Maria Coelho Pinto, Capitão Luis A. de Pina Guimarães, Alvaro da Silva Penafort, A. L. de Carvalho, e, por obsequiosa deferência, também o sr. Inspector Escolar A. Justino Ferreira.

Sem favor

Do livro «O Homem em Portugal», pag. 232, de José Agostinho.

«Fernando Xavier então disse ali, com a sua habitual franqueza, porque tanto estimava Domingos Cerqueira. Era um dos primeiros sub-inspectores do reino: pela inteligência, pelos conhecimentos pedagógicos, pelo espírito de justiça, pelo coração e pelo caráter, Domingos Cerqueira, tímido como uma criança, murmurou:

—Mas se eu sou dos menores... Se o doutor falasse de António Justino Ferreira, o autor ilustre da *Cartilha Portuguesa* e doutros livros escolares de valor, um escritor distinto e um sub-inspector emérito,

Theatro Gil Vicente

E' no próximo domingo que se exhibe o esplêndido film, da «*Série de Ouro*», que um retumbante sucesso tem alcançado mundialmente,

A FILHA DO FAROLEIRO

em 8 partes, da acreditada casa Nordisk, e que, em concurso, obteve em diversas terras estrangeiras medalhas de ouro.

Comissão Executiva DA Câmara Municipal

Sessão ordinária de 25 de Março de 1914

Com a presença dos srs. vereadores Coelho Pinto, Ferreira Guimarães, Clemente Dias Pereira, Joaquim Cardoso, Leite da Silva, Vitorino Simões Sampaio e Justino Ferreira, e sob a presidência do sr. Mariano Felgueiras, foi, pelas 21 1/2 horas, declarada aberta a sessão.

Depois de lida a acta, pede a palavra o sr. Ferreira Guimarães, principiando por declarar que não assinava a acta, por a julgar nula em referência ao empregado dos impostos Joaquim da Costa Chicória, ultimamente nomeado, por se não ter feito a sua nomeação em sessão pública.

Idêntica declaração faz o sr. vereador Coelho Pinto, acrescentando ser sua opinião que actos destes eram impróprios da dignidade da Câmara.

O sr. presidente diz que é certo ter sido feita a votação, a que se refere o sr. vereador Ferreira Guimarães, no final da sessão; e que o foi porque o mesmo sr. vereador, em resposta a uma pergunta que o sr. presidente lhe fêz sobre o assunto, declarou que preferia que essa votação fosse feita no final da sessão.

Que a votação foi feita por escrutínio secreto, conforme determina a lei, estando presentes 7 vereadores, sendo um deles o sr. vereador Ferreira Guimarães, quando se votaram os pretendentes Joaquim Carvalho e Alípio, obtendo, respectivamente, 4 esferas pretas e 3 brancas, e 5 esferas pretas e 2 brancas; que quando se ia votar o pretendente Joaquim Chicória, o sr. vereador Ferreira Guimarães retirou da sala, obtendo este pretendente 6 esferas brancas; que, apesar disso, na acta se diz ter sido nomeado por maioria, por se haver considerado a retirada do sr. vereador Ferreira como protesto contra a possível nomeação deste pretendente.

Que foi assim como os factos se passaram; todavia, não se opõe a que na acta sejam feitas as alterações que a Câmara entender que se devem introduzir, pois considerando, por igual, todos os seus colegas da Câmara, a nenhum quer ser desagradável.

Quanto ás declarações feitas pelo sr. vereador Coelho Pinto, apenas tem a dizer que actos como os que elle verbera e julga impróprios da dignidade dos membros da Câmara, já tem sido, por mais duma vez, ali praticados com a sua colaboração, mesmo na sessão transacta; isso, porém, não obsta a que julgue a dignidade do sr. Coelho Pinto absolutamente ilibada.

A acta foi aprovada por maioria.

BALANÇO

Na Caixa Económica, 9:183\$92, em depósito, 2:022\$00,5.

OFÍCIOS

Da Junta Paroquial de Abação (S. Cristovão), pedindo autorização para reparar um caminho daquelle freguesia à sua custa. A Câmara concede autorização e resolve agradecer.

—Do professor regente das escolas centrais, pedindo a reparação dum muro ultimamente desabado. Resolveu providenciar.

—Do mesmo, comunicando aumento de frequência nas escolas centrais, sexo masculino, sendo necessário mais um professor. Tomado em consideração.

—Da Associação Commercial, pedindo o auxilio da Câmara para a realização das Festas Gualterianas. Resolveu apresentar à Comissão deliberativa na próxima sessão.

—Do Ministério da Instrução

Pública, sobre o Congresso pedagogico, informa que não devem ser contadas as faltas, desde 14 a 20 de Abril, aos professores que forem assistir ao Congresso. Tomado em consideração.

—Do professor de S. Torquato, informando a Câmara de que a casa onde habita não tem os cômodos necessários. A Câmara resolve conceder o subsídio de 25 escudos, conforme preceitua o art. 25.º da lei de 29 de Março de 1911.

—De Alvaro da Silva Penafort, pedindo a demissão do cargo que tem exercido no Conselho de Assistência Escolar, em virtude de se ter de ausentar para Celorico de Basto, aonde vai tomar posse do cargo de escrivão de direito. O sr. vereador Justino Ferreira, olhando aos relevantes serviços prestados por aquele cidadão, tanto na Cantina como no Conselho de Assistência, propõe um voto de louvor e agradecimento. Aprovado por unanimidade.

—Do cidadão Inspector primário, comunicando que fêz a vistoria aos prédios para as escolas primárias de Infias e Moreira de Cónegos. Resolveu abrir concurso para provimento de professores para as mesmas.

REQUERIMENTOS

De José Martins, pedindo para passar com água, por canos galvanizados, do lugar das Alminhas para o da Pedreira. Concedida, pagando 10 escudos.

—De Gabriel de Faria, pedindo licença para construir uma vitrine. Deferido.

—De Laura de Sousa Machado, professora da freguesia de Azarem, pedindo licença de mais 8 dias. Deferido.

DELIBERAÇÕES

O sr. presidente comunica à Câmara que recebeu um officio da Inspeção da 3.ª circunscrição escolar, que vai devolver por não vir redigido em termos convenientes, e, portanto, não dá conhecimento à Câmara. Declara mais que sobre o assunto a que se refere o officio vai comunicar directamente ao ex.º Ministro da Instrução. Aprovado.

—O sr. vereador Ferreira Guimarães participa à Câmara que havendo uma vaga dum empregado no pelouro dos impostos, pelouro este que vem dirigindo desde o seu principio até esta data, este facto lhe tem custado horas amargas. A Câmara, no dia 6 de Janeiro de 1911, deliberou que o sr. vereador do pelouro dos impostos podesse nomear, interinamente, qualquer empregado. Em face disto, nomeou, interinamente, para guarda dos impostos, Joaquim Carvalho, tendo a informar que o dito empregado é sabedor por já ter exercido, durante um ano, aquelle serviço; mais declara não ter proposto a sua nomeação definitiva porquanto nenhum dos empregados dos impostos tem nomeação definitiva.

O sr. presidente entende por conveniente aclarar que todos os empregados dos impostos municipais foram nomeados, em tempo competente, pela Câmara, em sessões, como consta das actas.

O sr. vereador Vitorino Simões Sampaio propõe que se proceda a nova nomeação, em virtude dos incidentes levantados.

O sr. vereador Ferreira Guimarães, aduzindo várias considerações, propõe o adiamento da nomeação. E' regeitado.

O mesmo sr. propõe que a votação seja nominal. E' regeitada, resolvendo ser por escrutínio secreto.

Procedendo-se á votação obtiveram: Joaquim da Costa Chicória, 6 votos, abstendo-se de votar os srs. Ferreira Guimarães e Coelho Pinto; e Joaquim Carvalho, 2 votos contra 5. Absteve-se de votar o sr. Ferreira Guimarães. Em vista da votação foi nomeado Joaquim Chicória.

—Deliberou nomear membro do Conselho de Assistência Escolar, o cidadão António Caires Pinto de Madureira.

—Nomeou, para delegados paroquiais, os seguintes cidadãos: José Pinto de Souza e Castro, para a freguesia de S. João das Caldas; José de Almeida, para S. Faustino; Manoel de Abreu, para Silveiras, Avelino Ferreira e Manoel Ribeiro, para Lordelo.

—Nomeou, por maioria, servente da escola central, Laura Lopes.

—Nomeou J. F. Guimarães, cobrador da Praça do Mercado.

—Não havendo mais que tratar foi encerrada a sessão.

REPORTAGEM

Governador Civil de Braga

Foi há dias nomeado Governador Civil de Braga o sr. dr. José Joaquim Alvares Pereira de Moura.

Centro Escolar Vimaranesense

Reuniu no domingo passado, no edificio das Escolas Centrais desta cidade, a direcção do Centro Escolar Vimaranesense.

Aberta a sessão com grande assistência, propoz a professora D. Maria Barros que o Centro fosse representado nos Congressos Pedagógicos, a realizar brevemente no Pôrto e Lisboa, pelos professores srs. Crespo Guimarães e Mário Vieira, mas que todas as despesas a fazer fossem à sua custa, para não haver maus intuitos.

Em seguida, o sr. presidente propoz «que o Centro telegrafasse ao illustre Ministro da Instrução, saudando-o efusivamente pedigna e nobilissima attitude que tem tomado na gerência da sua pasta, e pedindo-lhe para resolver no mais curto prazo essa sindicância ou sindicâncias que há seis anos se vão arrastando neste desgraçado circulo escolar.»

A direcção do Centro tomou varias resoluções de character reservado, sendo, seguidamente, levantada a sessão.

Espectáculo

Ficou adiado *sine-die* o espectáculo que um grupo de cavalheiros de Braga vem realizar a esta cidade, em beneficio do Asilo de Santa Estefânia.

TEATRO AFONSO HENRIQUES

No próximo domingo, 29, exhibe-se, além dum atraente programma, a fita de grande successo, em 4 partes,

IVANHOÉ

Esta emprêza exhibe brevemente o incomparavel *film* cinematográfico, em 9 partes,

OS ULTIMOS DIAS DE POMPEIA

NOVA ALFAIATERIA

Rafael da Rocha Guimarães

Deve abrir no próximo mês de Maio, na rua de Camões n.ºs 11, 13, 15 e 17.

O seu proprietário, para melhor satisfazer os seus clientes, vai dedicar-se ao corte no Pôrto, em casa do muito conhecido industrial de alfaiateria Marinho e Vaz, à Praça da Batalha.

Fricções mercuriais

Dadas com todo o cuidado, pela longa pratica que adquiriu em Vizeia, encarrega-se

José de Almeida Caldas,

Rua Egaz Moniz, 79, antiga Rua Nova do Comércio.

CONCURSO

(1.ª Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal da cidade e concelho de Guimarães, distrito administrativo de Braga, devidamente autorizada, abre concurso documental por espaço de trinta dias, a contar da última publicação do presente anúncio, para o preenchimento do lugar vago de "amanuense da Secretaria Municipal", com direito ao vencimento annual de duzentos e dez escudos, inserido no respectivo orçamento.

Os concorrentes deverão apresentar na Secretaria da Câmara Municipal, dentro daquelle prazo, os seus requerimentos instruidos com os documentos exigidos pelo decreto regulamentar de 24 de Dezembro de 1892. E para constar se passou o presente e outros de igual teor.

Guimarães e Paços do concelho, 21 de Março de 1914.

E eu, José Maria Gomes Alves, chefe da Secretaria o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Vende-se

Armação para estabelecimento com balcão, portas de vidraça, uma vitrine com vidro de cristal, 3 vitrines para o exterior, um gasómetro para acetilene com uma linda serpentina, bicos e tubagem, tudo em estado novo.

Quem pretender, falar na casa High-Life, na rua da Republica.

EDITAL

2.ª Publicação

José Maria Gomes Alves, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:

De harmonia com o disposto no art. 23.º do Código Eleitoral, faço público que estão feitas nos cadernos do recenseamento eleitoral todas as alterações ordenadas pelo M.º Juiz de Direito desta Comarca, nos termos designados no mappa que segue:

Freguesia de Brito

Jerónimo Fernandes, 42 anos, casado, lavrador, lugar do Outeiro, e Joaquim Rodrigues, 40 anos, casado, tecelão, lugar do Sequito, mandados eliminar por sentença judicial de 21 de Fevereiro de 1914.

Freguesia de Gonça

Luís António Alves da Silva, 53 anos, casado, proprietário, do lugar de Fontela, mandado eliminar por sentença judicial de 8 de Março de 1914.

Freguesia da Oliveira

José Fernandes Vieira Guimarães, 31 anos, casado, proprietário, rua de Arcela, mandado eliminar por sentença judicial de 21 de Fevereiro de 1914.

Freguesia de S. Clemente de Sande

Fracisco Ribeiro, 53 anos, casado, cantoneiro, do lugar da Corredoura, e Joaquim Ferreira, de 27 anos, tamanqueiro, do lugar da Bouça do Pinheiro, mandados eliminar por sentença judicial de 8 de Março de 1914.

Freguesia de Serzedelo

Basilio da Costa Abreu, 46 anos, lavrador, do lugar da Nisca, e José Barbosa, 55 anos, casado, Industrial, do lugar da Cova de Cima, mandados eliminar por sentença judicial de 8 de Março de 1914.

Freguesia de Silveiras

António de Castro, 42 anos, casado, jornalista, do lugar da Bouça; António Machado, 30 anos, casado, tecelão, do lugar de Soalhães, e Francisco Gonçalves, 54 anos, proprietário, do lugar da Lage, mandados eliminar por sentença judicial de 8 de Março de 1914.

Jerónimo Fernandes, casado, 39 anos, lavrador do lugar da Baralha, e Manuel de Abreu, 53 anos, solteiro, capitalista, do lugar da Cazóla, mandados eliminar por sentença judicial de 6 de Março de 1914.

Freguesia de S. Tomé de Abação

José Fernandes Vieira Guimarães, 31 anos, casado, proprietário, do lugar do Portuzêlo, mandado inscrever por sentença judicial de 21 de Fevereiro de 1914.

E para os efeitos do referido artigo se fêz este e idênticos para serem afixados seguidamente, por espaço de cinco dias, nos lugares do estilo.

Guimarães, Secretaria Municipal, 13 de Março de 1914.

O Chefe da Secretaria da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

EDITAL

2.ª Publicação

A Comissão do recenseamento militar deste concelho, nos termos do art. 43.º do Regulamento dos serviços de recrutamento, faz público que os livros do recenseamento se acham patentes até ao dia 31 do corrente, em poder do secretário desta Comissão, desde as 10 ás 16 horas horas, para todas as pessoas que os quizerem examinar.

Nos termos do art. 46.º do citado regulamento, ficam intimados todos os mancebos ausentes de que se acham devidamente inscritos nos referidos livros.

Guimarães, Sala das sessões, 18 de Março de 1914. E eu José Maria Gomes Alves, secretário da Comissão, o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Horário dos comboios

Ascendentes

ESTACÕES	*	Rápido		Dias úteis	Correio		Dias úteis	Domingos e dias fer.
		Diário	Diário		Diário	Diário		
Linha de Guimarães	FAFE	P. 4,50	7,15			16,05		
	Guimarães	C. 5,43	8,08			16,58		
	Vizela	P. 5,51	8,16	10,40	13,20	17,07		
	Lordelo	P. 6,12	8,33	11,13	13,49	17,30		
	Negrelos	P. 6,23	8,43	11,25	14,00	17,42		
	Santo Tirso	P. 6,38	8,54	11,41	14,14	17,57		
Linha de Minho	Trofa	P. 6,59	9,13	12,02	14,35	18,19		
	Porto	C. 7,19	9,30	12,23	14,54	18,39		
	Valença	P. 3,23	6	7,55	13,20	15,25	16,40	18,50
	Viana	P. 5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19	21,7
	Braga	P. 6,07	8,35	11,52	14,55	17,43	20,04	22,05
	Trofa	P. 7,30	9,44	12,41	15,54	18,57	21,47	23,07
Linha de Póvoa	Trofa	C. 8,56	10,30	13,22	16,39	19,56	23,08	23,56
	Braga	P. 5,51	9,46		15,05	19,58		
	Viana	C. 7,44	11,15		15,58	21,20		
	Valença	C. 8,31	11,47		16,26	22,33		
	Póvoa	C. 10,50	13,19		17,31	23,33		
	Porto	P. 8,35			17,20			
Linha de Lisboa	Porto	P. 8,35			17,20			
	Lisboa	C. 14,31			17,20			

Descendentes

ESTACÕES	*	Rápido		Dias úteis	Correio		Dias úteis	Domingos e dias fer.
		Diário	Diário		Diário	Diário		
Linha de Lisboa	Lisboa	P. 18,55		21,35	21,35	8,30		
	Póvoa	C. 0,32		7,35	7,56	14,19		
Linha de Minho	Porto	P. 4,30	7,20	7,44	8,43	14,18	17,10	18,44
	Trofa	C. 5,43	8,06	8,35	9,42	15,03	17,50	19,53
	Trofa	P. 5,51		8,36	9,46	15,05	17,52	19,58
	Braga	C. 7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58	21,20
	Viana	C. 8,31		10,25	11,47	16,26	19,20	22,33
	Valença	C. 10,50		13,19	14,41	17,31		20,17
Linha de Póvoa	Póvoa	P. 8,03					16,35	16,35
Linha de Guimarães	Trofa	P. 8,11	9,58	15,13	18,00	20,10	20,20	
	Santo Tirso	P. 8,31	10,20	15,37	18,18	20,31	20,44	
	Negrelos	P. 8,54	10,41	15,58	18,35	20,48	21,04	
	Lordelo	P. 9,08	10,54	16,12	18,46	20,59	21,18	
	Vizela	P. 9,24	11,08	16,26	18,58	21,12	21,32	
	Guimarães	C. 9,44	11,27	16,45	19,14	21,20	21,51	
Linha de Fafe	Santo Tirso	P. 11,34	16,58			21,36	22	
	FAFE	C. 12,48	17,52			22,32	22,53	

* Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha e Cepães.
 • Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
 • Idem em Madalena, Covas e Cepães.
 • Idem em Espinho, Madalena e Covas.
 • Idem em Cepães.
 As designações no xadrez das colunas referem-se aos comboios de Guimarães, exclusivamente. Os comboios da Póvoa são diários.
 As comunicações com Lisboa fazem-se em Campanhã.

Livraria editora
 GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Porto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O socialismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminha da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

A LUZ DO SOL Sistema WIZARD é a melhor luz do mundo.

QUE ACENDE E APAGA COMO A LUZ ELÉCTRICA!

A luz sistema WIZARD além de ser muito económica e muito simples é também a mais barata até hoje conhecida em Portugal.

Serve tanto para o interior como para o exterior de qualquer habitação.

Ilumina as vossas habitações e tereis o sol em casa pois VIZARD é a última palavra sobre iluminações intensiva.

Cada lâmpada tem o poder iluminante de 500 velas e acende com fósforos como o gaz e o seu consumo é um litro de gasolina em 24 horas.

O maior sucesso da actualidade!!

Maravilhoso sistema de iluminação!!

Pedir informações ao correspondente em Guimarães

J. Cardoso Guimarães.

Instituto Médico-Dentario

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS às quintas sextas-feiras.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

Antiga mercearia e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, fructas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora

24, Rua da República, 28 — GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha inglesa—Café puro especial.

Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

Oficina e Depósito de Guarda-sóis e Bengalas

—DE—

Manuel Lopes Ferreira dos Santos

87, TOURAL, 69

(Antigo Largo dos Cestos)

GUIMARÃES

Acha-se esta oficina instalada no Toural, 67, 68 e 69, casa aonde esteve a antiga chapelaria do sr. Francisco Agostinho Cardoso de Lemos. Nela se vendem, fazem e concertam bengalas e guarda-sóis em preto e côr para homens e senhoras.

Concertos rápidos.

Perfeição.

Preços módicos.

Atelier de costura

—DE—

MARIA PASTOR

Rua de S. Dâmaso

GUIMARÃES

Executa toda a toilette de senhora e criança pelos últimos figurinos.

PREÇOS MODICOS

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Preço das publicações

Ano 1\$200 rs.
 Semestre 600 "

Anuncios e comunicados, por linha 40 rs.
 Repetição, por linha 20 "
 Permanentes, contracto convencional.
 Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ào Cidadão